

essa folha de circunstância qualificaria de “ilegal, injuriosa e impolítica”, aconselhando claramente a sua desobediência e contribuindo, assim, para o *Fico*.

Na luta doutrinária de preparação à Independência, assim, o papel da imprensa foi destacado. Poucos foram os periódicos que esposaram a causa da separação da colônia, e só a esposaram quando o desenvolvimento do processo tornou claro que o absolutismo português dominara o liberalismo inicial das Cortes. Nesse sentido, *O Constitucional*, na Bahia, teve papel inconfundível, travando luta em condições extremamente difíceis. Mas foi o *Revérbero Constitucional Fluminense* o melhor arauto das reivindicações brasileiras. Aquele foi fechado pela ação de militares portugueses; este foi suspenso pela ação da direita brasileira. Alcançada a Independência, prosseguiria a luta pela liberdade.

A perseguição à imprensa

As forças presentes no palco da política brasileira, ao alvorecer da existência autônoma, assim como se haviam unido na repulsa ao regime de monopólio de comércio, permaneceriam unidas quanto ao papel do príncipe D. Pedro, aclamado imperador. Mas divergiam quanto à Constituinte: a direita colocava o governante acima da Assembléia, que era o poder popular; a esquerda colocava a Assembléia acima do governante. Para aqueles, ao executivo caberia moldar as instituições, no essencial; para estes, caberia à Constituinte traçar os rumos. Havia, no fundo, o temor de que a Assembléia, refletindo velhas tendências, jamais extintas, se inclinasse mesmo a decisões extremadas: a adoção da República, por exemplo.

A monarquia apresentava-se como escudo, a segurança de que as alterações impostas pela Assembléia encontrariam limite na sacralidade da pessoa do imperador. Precisavam as forças interessadas em evitar alterações, em manter a estrutura colonial, robustecer o poder do executivo, detendo as possibilidades de reformas. Por isso mesmo, haviam resistido à idéia de convocação da Constituinte, perigosa e inadequada como lhes parecia, trazendo representantes do povo para a arena das grandes decisões. A forma tutelar do governo foi sempre o ideal supremo dos conservadores, aferrados ao passado, temerosos do futuro: os homens bons sempre souberam governar, os do povo sempre trouxeram agitação, aos mais qualificados deveria caber sempre, pois que o são, a tarefa de decidir, porque decidem bem, uma vez que possuem os requisitos para isso, experiência prática, educação, cultura, discernimento. A idéia de povo, para eles, esteve sem-